

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Mariana da Silva Spagnol

**TRAJETÓRIAS, CARREIRAS E VIVÊNCIAS DOS ALUNOS DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth de Paula Pissolato.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARIANA DA SILVA SPAGNOL**, acadêmica do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572138A, declaro que sou autora do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **TRAJETÓRIAS, CARREIRAS E VIVÊNCIAS DOS ALUNOS DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**, desenvolvido durante o período de 05 DE AGOSTO DE 2017 a 25 DE NOVEMBRO DE 2017 sob a orientação ELIZABETH DE PAULA PISSOLATO, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 2017.

MARIANA DA SILVA SPAGNOL

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

TRAJETÓRIAS, CARREIRAS E VIVÊNCIAS DOS ALUNOS DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Mariana da Silva Spagnol¹

RESUMO

Por meio da abordagem de Gilberto Velho e outros autores da Antropologia (VELHO, G. e DUARTE, L.F, 2010) sobre trajetórias e carreiras, este Trabalho de Conclusão de Curso propõe a análise de trajetórias de alunos do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (BI). Para isto foram entrevistados quatorze alunos do último período do curso acerca de suas expectativas, projetos e mudanças vividas ao longo da trajetória acadêmica. Nas entrevistas, foi possível reconhecer principalmente duas perspectivas experimentadas na relação com o curso: o BI como contexto de experimentação e como experiência complementar ou de aprofundamento, pois O BI pode servir como postergação do processo de escolha de carreira ou como acréscimo da já constituída – pelo menos parcialmente – carreira. Notamos a importância, nas diferentes trajetórias pessoais, da relação com a política a presença da família e rede de amigos. Ainda, observamos que as experiências “no Curso” assumem valor para seus participantes tanto por meio de encontros com disciplinas, professores, participações em estágios que se tornam “divisores de água” para escolhas na carreira acadêmica dos envolvidos (como a do segundo ciclo a cursar), quanto por meio de vivências na universidade que podem se desdobrar em novos engajamentos coletivos (como na militância) e/ou mudanças importantes no nível da própria pessoa (como em relação à sexualidade).

PALAVRAS-CHAVE: Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFJF; Trajetórias; Carreiras; Projetos. Metamorfose.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo uma abordagem das trajetórias, carreiras e vivências de alguns estudantes do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas (BI) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais. Os bacharelados interdisciplinares surgiram no Brasil na década de 2000 por meio da criação do programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) do Governo Federal brasileiro, que é complementar ao Programa Universidade para Todos (Prouni), no qual o maior objetivo é a expansão do ensino superior no âmbito nacional, promovendo a inclusão de pessoas que anteriormente a este plano não possuíam acesso ao Ensino Superior em universidades, em especial as de esfera pública por meio do Reuni (BRASIL, 2010).

No contexto do Reuni, a Universidade Federal de Juiz de fora implementou três bacharelados interdisciplinares, que são os de Artes e Design, Ciências Exatas e Ciências Humanas, os quais concentram cerca de 30% do total de vagas oferecidas pela universidade anualmente (UFJF, 2009). Esse novo programa trouxe para os estudantes uma base curricular de grandes áreas de estudo e com isso traz uma maior autonomia na hora da escolha do segundo ciclo que irão cursar ou não, além de preparar os alunos para o mesmo, na medida em que oferece disciplinas introdutórias que vão ajudá-lo a decidir melhor sobre o encaminhamento de sua carreira.

O foco deste estudo encontra-se nas trajetórias, carreiras e vivências dos estudantes que estão concluindo o curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. O BI em Ciências Humanas da UFJF foi estabelecido em 2010, contando com uma grande participação de professores da instituição na estruturação do programa. Uma das grandes propostas do BI de Ciências Humanas foi de:

(...) fornecer instrumentos, desenvolver capacidades, estimular conexões, solucionar problemas, compreender a necessidade mesma das relações, aproximar-se dos diferentes objetos e saber escolher, ao fim e se assim desejar, qual área especializada deseja aprimorar, tornar-se um profissional mais preparado a solucionar problemas, pronto a reconhecer a diversidade e a pluralidade dos mundos (UFJF, 2009, p.10).

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: marianaspagnol@yahoo.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Elizabeth de Paula Pissolato.

Neste contexto, conforme exposto, busca-se maior flexibilidade para os alunos ingressantes, já que durante 2,5 anos (cinco semestres) o estudante terá um campo maior de estudo nas áreas de filosofia e ciência da religião, tempo e espaço, sociedade e cultura, letras e artes, formação científica, matérias da área de concentração e por último um trabalho de conclusão de curso (TCC). Depois, se desejar cursar o segundo ciclo, no qual deve concluir as matérias da área de concentração que são obrigatórias, os discentes poderão pleitear o ingresso nos seguintes cursos: Ciência da Religião, 1,5 anos; Turismo, 3 anos; Ciências Sociais, 2,5 anos bacharelado ou 3 anos licenciatura; e Filosofia 1,5 anos.

Por seu caráter interdisciplinar e complementar, o BI de humanas é um curso que acolhe alunos das mais distintas idades, atraindo tanto aqueles que acabaram de completar o ensino médio (aproximadamente 17 anos), quanto aqueles que já passaram dos 50 anos. Alunos já formados em outros cursos, ou que não se adaptaram a determinada área de atuação profissional e acadêmica, ou que buscam crescimento pessoal e também alunos que pensam em seguir carreira acadêmica escolhem o BI. Por semestre costumam ingressar aproximadamente 295 alunos no turno diurno e 415 alunos no noturno (UFJF, 2017), e isso mostra como o BI de humanas é um curso que atrai um número expressivo de alunos em cada semestre.

Considerando a grande diversidade de alunos encontrada no BI de Ciências Humanas, e seus distintos modos de experimentar o Curso, a proposta desse estudo é uma aproximação das vivências dos alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas de sua importância na formação profissional, intelectual e pessoal destes alunos, a partir de suas próprias percepções. Aqui nos inspiramos em estudos que a antropologia vem desenvolvendo para ao pôr em relação *jovens*, *carreiras* e *subjetividade* (VELHO, 2010), e pretendemos considerar tanto a experiência daqueles que ainda irão percorrer grande parte destes caminhos, quanto de jovens que já se encontram engajados em carreiras, mas continuam investindo em sua formação.

Subjetividade, pois a análise da particularidade é refletida na cultura subjetiva e respostas individuais a mudanças nos sistemas, nos quais cada um está inserido, sendo objeto de estudo antropológico, ao considerar os efeitos de cada esfera que exerce influência no caminho do indivíduo, tais como: família, religião, cultura, educação, sexualidade etc. *Carreiras*, pois é reflexo de cultura ao qual o indivíduo consegue absorver em resposta àquilo que foi exposto dentro da imagem da diversidade dos conjuntos sociais dos quais está imerso. E *jovens* que, segundo Picollo (2010), corresponde a aspectos de construção cultural e histórica. Desta forma a vivência na juventude pode influenciar de forma significativa o campo de possibilidades e conseqüentemente os projetos e as carreiras (VELHO, 2010).

2. METODOLOGIA

Neste trabalho, adotei a definição de trajetória conforme Gilberto Velho (2003), que entende como tal o caminho que um indivíduo traça dentro de uma sociedade com distintas culturas e pressões sociais, de acordo com sua realidade pessoal, a fim de melhor se inserir na realidade profissional, cultural e intelectual.

Velho (2004) argumenta que mesmo os indivíduos inseridos em ambientes totalitários possuem condições de individualizar suas carreiras por meio de projetos. O cerne da possibilidade de poder mentalizar e executar os projetos é, ainda segundo o autor, a possibilidade de escolha individual.

No entanto, apesar deste argumento de individualismo de projeto, Velho (2004) afirma que a estruturação de um projeto não é construída de forma isolada da sociedade e de pressões sociais que a mesma impõe, pois a própria noção de indivíduo é estabelecida por meio da construção social e pessoal subjetiva, que cria e restringe o campo de possibilidades, possuindo a interpretação pessoal e cultural como fundamental para a sua limitação.

Dentro deste contexto, os indivíduos podem, no meio de suas trajetórias, modificar de diversas formas seus projetos, criando o denominado *potencial de metamorfose* (VELHO, 1994). Importante observar que essas modificações podem ocorrer por meio de mudanças no próprio indivíduo de forma endógena, ou exógena por meio de intersecções com outros projetos de outros indivíduos ou pela junção a um conjunto de projetos de um conjunto de pessoas ou instituições, tais como: famílias, organizações, firmas, Estado etc.

Outro enfoque trabalhado será o de *vivência* que de acordo com Velho (2006):

(...) aponta que, em uma sociedade complexa moderno-contemporânea, o indivíduo transita por diferentes mundos, ou fronteiras simbólicas, com mais ou menos facilidade, decorrente de seu potencial de metamorfose – trânsito este que revela seu campo de possibilidades. Desse trânsito emerge o processo de negociação, no qual o indivíduo, uma vez tendo traçado um projeto, negocia com as diferenças contempladas, singularizando suas escolhas

e metamorfoseando sua trajetória, ainda que limitado pelas objetividades da realidade em que está inserido (Velho, 2006, p.468).

Tomando como ponto de partida as perspectivas acima, buscamos alunas e alunos do último semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora com um caminho já trilhado no curso. A princípio, para elaboração desta pesquisa, foi feita uma solicitação de dados dos alunos – que estariam no último semestre do BI com interesse declarado de ingresso em diferentes cursos no segundo ciclo – para a coordenação do BI em Ciências Humanas.

Dentro de um aspecto qualitativo de pesquisa há diversas formas de se coletar dados para analisá-los posteriormente. Neste contexto, diversos tipos de entrevistas podem ser utilizadas em pesquisas referentes às Ciências Sociais: entrevista aberta, estruturada, semiestruturada, história de vida e a entrevista projetiva (LAKATOS & MARCONI, 1996). No caso desta pesquisa, foi proposto à entrevistada ou entrevistado que relatasse sua experiência no curso, caracterizando-se aqui uma entrevista aberta, onde as intervenções da entrevistadora buscavam seguir as pistas do próprio relato, no decorrer da entrevista.

O primeiro contato com os alunos foi realizado por meio do endereço eletrônico (e-mail), contendo as informações dos objetivos da pesquisa e que seria feita com um gravador de áudio. Para marcação dos encontros, foi utilizada uma rede social e também um aplicativo de troca de mensagens por dispositivos móveis. As entrevistas foram feitas de forma individual, fora dos horários de atividades curriculares. Utilizamos os centros de convivência existentes no Instituto de Ciências Humanas (ICH), buscando espaços menos formais em que os entrevistados pudessem ficar mais à vontade para relatar suas experiências e vivências no Bacharelado Interdisciplinar.

Abria as entrevistas com uma sugestão do tipo: “gostaria que vocês comentassem a respeito de suas vivências no BI-ICH e relatassem de forma mais completa possível suas experiências no campo acadêmico, político e pessoal” neste tempo do Curso. No total, foram pesquisados quatorze alunos, sendo que quatro farão segundo ciclo no curso de Turismo, quatro o segundo ciclo no curso de Ciências Sociais, três escolherão o segundo ciclo no curso de Filosofia e três optarão pelo segundo ciclo no curso de Ciência da Religião.

Após a realização das quatorze entrevistas, ao organizar o material de campo, observei que uma forma possível de tratar as experiências relatadas era reuni-las em duas perspectivas, que, de todo modo, não se excluem mutuamente. Uma primeira parece considerar o BI fundamentalmente como um contexto de experimentação, ou seja, na passagem pelo Curso os alunos escolhem, experimentando, as disciplinas a cursar de acordo com os conteúdos propostos e suas afinidades à matéria, e observam que não têm certezas sobre qual carreira seguir, e podem mesmo surpreender-se com experiências que surgem e apontam possibilidades de carreira – não estritamente acadêmicas – como possibilidades em sua vida (como, por exemplo, a carreira da militância. Uma segunda perspectiva enfatiza o BI como experiência complementar ou de aprofundamento de formação, isto no caso de alunos e alunas que já estariam engajados na vida profissional, alguns já tendo cursado outra graduação, e buscam o BI para “aprofundar” em estudos, seja na expectativa de mudanças de carreira, seja no âmbito da experiência ou “crescimento” pessoal.

Como veremos a seguir, aspectos tanto de uma perspectiva como de outra podem ser identificados em cada relato, que conecta, de modo complexo, projetos individuais, imagens de carreiras e as oportunidades que a participação efetiva no BI – ou na vida universitária, de modo mais amplo – trouxe como possibilidade à escolha de cada discente.

3. AS ENTREVISTAS

Nesta seção serão mostradas as considerações que selecionei como as mais importantes extraídas dos relatos que os alunos sobre suas vivências durante e no BI, seguidas, adiante, de um comentário com base nas perspectivas antropológicas apresentadas.

3.1. RELATOS DOS ALUNOS

Por questões éticas, os nomes dos entrevistados foram preservados, sendo criados nomes fictícios para cada um dos entrevistados. A estrutura de apresentação segue a seguinte forma: – *curso que pretende realizar* (se não aspira ao segundo ciclo estará escrito *nenhum*) – a *idade* e – o *turno em que cursa o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas*.

AVA – TURISMO – 21 – BI NOTURNO

AVA escolheu o BI não tendo certeza de qual curso gostaria de fazer, mas tendo a confiança de que apenas não escolheria nenhum curso de Ciências Exatas. Ela entendeu que fazendo o curso de BI poderia ter um tempo maior para escolher o curso ideal, pois teria um “leque de opções” no final do mesmo.

AVA afirmou que gostaria de construir uma carreira na área de História, mas tinha aversão a essa ideia na época da escolha. Um problema que a aluna relatou é que teve vontade de desistir do curso, pois não gostava de estudar as disciplinas referentes à Ciência da Religião, relatando que muitos alunos que frequentavam essas matérias achavam que eram aulas de Religião e não de Ciência da Religião, pois tinham preconceitos contra pessoas que professavam religiões distintas das deles.

Um outro problema relatado por AVA foi que há disciplinas nas quais os professores parecem não apresentar o mínimo de preocupação sobre o processo de aprendizado de seus alunos, fazendo com que muitos desanimem.

Foi justamente no final do curso de BI que a aluna se encontrou no curso de Turismo e quis traçar uma carreira nesta área, pois começou a se interessar por empreendedorismo, estudos sobre o consumo e eventos. AVA disse que uma das melhores vivências que teve no curso foi quando ingressou na Empresa Júnior do Turismo, denominada Rumos, pois conseguiu aplicar na prática seus conhecimentos e projetos acadêmicos na área em que quer atuar.

HAGITE – TURISMO – 21 – BI NOTURNO

Durante o Ensino Médio, Hagite pensava em fazer Psicologia. Porém, tinha muitas dúvidas e estava confusa quanto à escolha do curso. Ela afirmou que neste período foi necessária uma inserção em um processo de autodescoberta. Procurou fazer uma terapia cognitiva-comportamental e o profissional com quem ela estava consultando afirmou que sua área de estudos deveria ser a de Humanas. Decidiu então fazer o curso de BI, ficando confusa principalmente no início já que: “No BI você ‘cai de paraquedas’, pois tem uma independência muito grande nas escolhas durante o curso”.

Resolveu fazer Turismo após cursar a disciplina *Planejamento*, pois a fez lidar com o Turismo ao mesmo tempo de considerar os aspectos sociais. Após este fato, planejou sua grade pensando no segundo ciclo em Turismo. No final do primeiro período ligou-se à Empresa Júnior do Turismo Rumos, experiência de participação que ela considerou como “muito legal” e que a ajudou a escolher qual área seguir.

BOAZ – TURISMO – 25 – BI NOTURNO

O BI é sua terceira graduação. Já fez licenciatura em Química e Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Exatas (BICE). Só que, segundo seu relato, não estava satisfeito com o rumo que sua carreira estava tomando, pois “estava ficando pirado”, decidindo não mais seguir nestas áreas. Ele decidiu pelo BI em Ciências Humanas, porque sentia falta de um enfoque mais reflexivo e criativo em sua vida pessoal e profissional, já que, segundo ele, nas Ciências Exatas tudo é muito metódico. Desta maneira, viu no BI em Ciências Humanas uma oportunidade de conhecer melhor o aspecto humano e a sociedade de forma geral.

Durante o curso, queria fazer Filosofia, mas como seu desempenho acadêmico não foi muito bom desiludiu-se e trancou o curso por um ano. Após este período, decidiu voltar aos estudos, tendo que se matricular e, conseqüentemente, cursar disciplinas que não faziam parte de seu escopo de interesse. Porém, em um determinado período, escolheu três disciplinas de Turismo, o que fez com que despertasse uma paixão pelo curso. Ele destaca que a disciplina *Dimensões da Hospitalidade* foi o divisor de águas para sua trajetória no BI.

Desta forma, começou a perceber o curso de Turismo como um campo de ensinamento que permitia entender a grande relação das pessoas com elas próprias. Está participando de um projeto de extensão no Museu Mariano Procópio, que corresponde à gravação de um documentário que procura captar relatos de pessoas que têm algum tipo de história com o museu.

É, também, membro da empresa Rumos, atual vice-presidente e diretor do departamento Gente e Gestão. Para ele, participar desta empresa júnior é uma experiência muito gratificante e enriquecedora, pois dá uma visão de mercado em conjunto com a aquisição de conhecimento que a academia proporciona. Afirmou que “puxou” diversas disciplinas que serviram apenas para “completar tabela”, mas que agregaram conhecimentos e experiências para ele.

O BI, segundo ele, é um curso muito aberto, tendo diversas áreas de atuação. Assim, não foca em um determinado assunto. Como exemplo ele cita que estudou o autor Gilberto Velho em disciplinas de Turismo. E ele entende este fato como sendo positivo.

O Professor E do departamento de Ciências Sociais é orientador do Boaz o que comprova mais uma vez, de acordo com ele, que a interdisciplinaridade do curso não se encontra apenas no nome. Fazer o BI para ele é uma “experiência engrandecedora”.

TÂMARA – FILOSOFIA – 21 – BI NOTURNO

Tâmara, a princípio, no Ensino Médio, queria fazer História, mas a família dela “reprimiu sua escolha”, pois tinham a noção de que era um curso que não daria um futuro financeiro confortável para ela. Tâmara gosta muito da língua francesa, buscou um curso que tivesse alguma ligação com diplomacia e relações internacionais. Desta maneira, escolheu o BI para poder ter a oportunidade de cursar Ciências Sociais, para posteriormente, ingressar na área diplomática. Entretanto, teve oportunidade de estudar Filosofia à Maneira Clássica, o que contribuiu para que mudasse de ideia, tendo interesse em cursar a graduação em Filosofia.

Durante o curso de BI, teve uma decepção ao perceber que não se estudava nada daquilo que imaginava e que gostava. Porém, durante a disciplina Estratificação, Grupos e Poder, e em contato com estudos sobre a Índia, teve a primeira relação mais profunda com a Filosofia. Desta forma, foi selecionada para uma bolsa de Iniciação Científica para estudar a Filosofia Hindu. Foi neste momento que ela afirma que “se encontrou no curso”, ao estudar Filosofia Clássica, Grega e Antiga, escolhendo para o segundo ciclo a Faculdade de Filosofia.

Durante o curso, pensou em ir para o Turismo, por causa do maior apelo mercadológico após a graduação. Ingressou, assim, em um estágio na área de Turismo, mas só ficou nele por uma semana por considerar que havia pouca afinidade com ela.

Segundo Tâmara, o BI possui uma formação quase que focada completamente na área intelectual, preparando para a graduação e pós-graduação exclusivamente acadêmica, não para o mercado de trabalho.

Tâmara busca estudar não somente os filósofos, pois ela deseja se aprofundar naquilo que pode trazer mudança real para a vida das pessoas, tendo um engajamento, como ela mesmo afirmou, mais humanizado, querendo lidar com pessoas de forma direta, vendo a Filosofia como um caminho de aprendizado e transformação. Ela afirma que sua experiência no BI foi muito boa para fortalecer a ideia de fazer o curso de Filosofia.

TAMAR – CIÊNCIA DA RELIGIÃO – 20 – BI DIURNO

Tamar queria fazer carreira na área de Jornalismo, sendo uma redatora, tendo como segunda opção o BI. Desta forma, pela nota no processo seletivo, escolheu o bacharelado.

Ela considera que uma de suas maiores qualidades é que gosta de escrever, sendo que no BI ela teve a oportunidade de escrever sobre assuntos com os quais possuía grande afinidade. Ela considera sua trajetória de forma positiva, sendo que já no meio do curso percebeu que gostaria de ingressar no curso de Ciência da Religião no segundo ciclo. O Professor F foi quem a inspirou a fazer este curso, sendo que ela considera este e o Professor G seus mentores.

Ela considera que os professores de Ciência da Religião são “verdadeiros seres humanos”, ensinando aos alunos de acordo com seus aprendizados e experiências de vida. Ela possui preocupação quanto ao mercado de trabalho após se formar, sendo que construir uma carreira em Ciências Humanas no Brasil é “se dar ao luxo”. Ela considera como preocupação que seu investimento de tempo e recursos financeiros não tenha retorno no longo prazo, não sendo uma profissão bem vista em solo brasileiro, pelo menos para um grande número de pessoas.

ELIABE – CIÊNCIAS SOCIAIS – 22 – BI DIURNO

Antes do BI, Eliabe cursou dois semestres e meio em Licenciatura em Ciências da Natureza na Universidade de São Paulo (USP), abandonando o curso por não ter se adaptado à cidade e pela distância de seu lar à faculdade. Durante o curso tentou transferência para Ciências Sociais, mas não obteve êxito. Voltou à sua cidade por alguns meses a fim de descansar e pensar no futuro, decidindo voltar a estudar.

Pensou em prestar vestibular para a UFJF, pois possuía um primo que estudava nesta instituição e que falava muito bem da mesma. Entrou no BI em 2015 e escolherá para continuação do primeiro ciclo o curso de Ciências Sociais.

Para ele, no final do curso de BI a experiência e a vivência como um todo é muito boa. Entretanto, ele critica o fato de ser tão generalista, não permitindo ao aluno a formação de uma identidade em tempo razoável, a

fim de seguir uma linha de pesquisa. Desta forma, apesar de saber que quer ingressar em Ciências Sociais, ainda não possui base para definir o que estudar neste curso.

Foi a matéria de Pensamento Social Brasileiro que deu um viés de pensamento a ele, redirecionando o conhecimento adquirido até aquele momento para questões que ele julga como de importância para o Brasil, como nossa cultura e o próprio povo brasileiro.

Ele critica o fato de muitas pessoas entrarem no BI e não terem conhecimento do que realmente significa o bacharelado interdisciplinar. Desta forma ele dá a sugestão de que seja mais claro nos primeiros períodos o objetivo principal do curso.

ARÃO – CIÊNCIA DA RELIGIÃO – 36 – BI NOTURNO

Arão já é formado em Filosofia e pensou em fazer o BI para ter um complemento em sua formação e conseqüentemente na carreira. Sua escolha para o segundo ciclo é Ciência da Religião já que irá proporcionar um aprofundamento na área de interesse.

Ele fez pós-graduação em Direito do Consumidor e vem realizando outra pós-graduação em gestão pública. Ele afirmou que houve professores que o inspiraram, mas mencionou o Professor H como fundamental e é orientado por ele. Afirmou que, apesar do trabalho e dos estudos demandarem grande parte do seu tempo, gosta de dispor de um período para seus *hobbies* e descanso, não gostando de ficar 100% do tempo dedicado à universidade.

Quando fazia licenciatura em Filosofia, disse que se dedicava mais ao curso, sendo a própria faculdade considerada como lazer. Hoje, ele vê o BI apenas como um complemento à carreira, por isso a mudança de atitude. Como ele falou: "(...) Fazer o Bi e depois a faculdade de Ciência da Religião é mais um complemento, para não ficar parado, porque ficaria em casa assistindo televisão, mexendo no computador e vendo séries. Temos que ser autodidata (sic), estudar e ter uma vida com direcionamento, ver as perspectivas de outras pessoas".

Ele tem muita afinidade com as Ciências Humanas. Pretende ainda, em sua vida, fazer todos os segundos ciclos do BI, com exceção de Turismo, porque, segundo ele, possui preconceito contra o curso. Para ele, o curso de Turismo não deveria estar no rol dos cursos de Ciências Humanas, se assemelhando muito à Administração. Ele tem vontade de fazer mestrado para seguir de forma vertical sua carreira, pois segundo relatos de amigos, sua carreira apenas cresce para os lados (fazendo alusão à quantidade de cursos de mesmo nível que o estudante realizou e pretende realizar).

Para ele, sua trajetória e vivência no BI foram bem positivas. Conheceu pessoas legais dentro da universidade como um todo. Afirmou procurar aceitar e honrar cada convite recebido, pois é o que proporciona vivências "bem legais".

ANAEL – TURISMO – 33 – BI DIURNO

Anael considera sua trajetória bem diferente dos alunos do BI, pois ele é formado em Jornalismo por uma faculdade particular e possui pós-graduação em Televisão, Cinema e Mídias Digitais pela UFJF. Trabalha na instituição Centro de Ensino Superior (CES) na cidade de Juiz de Fora (MG), na qual atua na área de formação.

Fazer o BI foi uma forma de continuar estudando, visando mais conhecimento, principalmente na área de Ciências Humanas, com o intuito de conhecer os "grandes pensadores". Ele conta que o fato de trabalhar de manhã e à noite limita a escolha de disciplinas que pode cursar. Porém, mesmo assim, considera as disciplinas cursadas de grande valor para seu conhecimento.

Ele quer se aprofundar em estudos de autores, tais como: Bauman, Marx, Durkheim e Weber. Considera que a grande maioria dos professores que teve são "professores de verdade", pois demonstram conhecimento no que falam, sabendo transmitir a informação de forma satisfatória. Quanto à cobrança que professores exercem sobre os alunos, Anael não enxerga este fato como algo negativo, pois é assim que se aprende e se estuda de forma correta. Porém, não vê com bons olhos quando o professor cobra e não dá o suporte necessário para que os alunos tenham como cumprir com as demandas dos docentes.

AXEL – FILOSOFIA – 21 – BI NOTURNO

Axel relatou que entrou para o BI com o intuito de conseguir transferência para o curso de arquitetura. Mas descobriu que não era a arquitetura que gostaria de fazer, mas sim Filosofia. Sua relação com as disciplinas

do BI foi muito boa. Sua relação com os professores também foi muito boa. Escolhia as disciplinas não pelos professores que as ministravam ou pelo nível de dificuldade esperado, mas pelo conteúdo que iria ser dado.

O aluno afirma que o curso de filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) é concentrado muito em autores: “hoje estudaremos Platão”, o que não ocorre na UFJF, que procura dar foco a várias áreas do conhecimento ao invés de autores em si. “O BI é um grande oceano, porém um oceano raso, pois você conhece tudo, mas durante o curso não se aprofunda em nada” Ele pesquisou muito durante todo o curso de BI, sempre se aprofundou e buscou mais conhecimento por conta própria.

SETH – CIÊNCIA DA RELIGIÃO – 47 – BI DIURNO

Seth já é formado em Direito, que terminou em 2006 em uma faculdade particular. Entretanto, ele também queria fazer psicologia e um amigo lhe disse que uma “boa” forma de entrar no curso pretendido era prestar exame para ingresso no BI em Ciências Humanas. Mas durante suas pesquisas sobre o curso de Psicologia viu que seria um curso muito “pesado” e acabou se simpatizando pelo BI. Interessou-se em fazer Ciência da Religião, pois gostaria de fazer uma mudança em sua vida, já que trabalha há anos na área comercial. Pretende dar outro rumo à carreira, dedicando-se mais à vida acadêmica.

Ele reconhece que ter uma carreira na Ciência da Religião é comparativamente com outros cursos, como Turismo e Ciências Sociais, mais restrita, haja vista o escasso mercado de trabalho, o que é uma preocupação do aluno. Porém, Seth afirma que realiza o curso por afinidade quanto à Ciência da Religião. No entanto, ele afirma que trabalhar na área comercial não é interessante, já que o serviço é muito estressante, com muita cobrança, sendo que sua intenção é continuar os estudos.

Ele relata que foi feliz durante o curso: “escolher o currículo das disciplinas que vai cursar é fascinante, pois cria um compromisso muito maior na vida acadêmica”. Para ele é importante ter durante todo curso um amplo conhecimento, significando aprofundamento das disciplinas que fazia. Assim, procura autores contemporâneos, pois os consideram importantes para o entendimento do mundo do século XX, foco de seus estudos.

BARUQUE – CIÊNCIAS SOCIAIS – 27 – BI DIURNO

Fazer o BI de Ciências Humanas não era a primeira opção de Baruque. Ele estudava Direito em uma faculdade particular, mas desistiu por não gostar muito da área. Começou a pesquisar cursos da UFJF e, apesar do seu curso de primeira escolha ser o *Jornalismo*, o BI foi o curso que mais chamou a atenção por julgar ser “possível passar” e tentar a transferência para o primeiro. Seu objetivo foi alcançado, conseguiu uma vaga em *Jornalismo*, mas decidiu não ir, pois estava gostando do BI.

“No BI você pode transcrever e escolher que vai fazer durante todo o curso, e isso me fez continuar no curso”, pois permite a inserção em outros projetos interdisciplinares. Foi durante o curso que ele percebeu a importância de se dar mais ênfase aos movimentos sociais. Ajudou na reconstrução do CA do BI e está ajudando na gestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFJF.

Nas escolhas das disciplinas do BI, Baruque fez as disciplinas que gostava primeiro e depois fez as que julgavam não possuir afinidade. Muitas das disciplinas que ele cursou, o que mais chamou sua atenção foi uma matéria da psicologia, cujo conteúdo era sexualidade e gênero, que é, atualmente, a área à qual dedica seus estudos. Ele conta que a disciplina Psicologia da Sexualidade foi uma experiência engrandecedora, animando-o a adentrar no Projeto Psicologia e Sexualidade da Faculdade de Psicologia, projeto que ficou por um ano.

Dentre outras disciplinas que marcaram sua trajetória foram as de Ciências Sociais que estavam ligadas a gênero e parentesco e de ciências políticas. Pela grade do BI permitir a matrícula nas mais diversas disciplinas eletivas e opcionais, fez uma matéria de Libras na Faculdade de Letras que despertou nele o interesse pela Licenciatura. Participou de diversos projetos menores na UFJF, mas seu foco sempre foi “se construir politicamente”.

Durante o curso, o aluno obteve grande aproximação com a Teoria Queer, que é sua área de estudo hoje. Dentre os autores estudados que exercem influência sobre ele, destacam-se: Foucault e Herbert Bradley que o guiaram para o entendimento do conceito de gênero. Ele destaca esta fase até pelo lado pessoal dele, já que não se identificava com o sexo masculino, fazendo com que percebesse que sexo é muito mais do que uma variável binária.

Ele relata que possui preocupação de que fará após formar, já que considera o mercado de trabalho atrofiado para a área. Considera também ter construído um bom caminho no BI, já que teve contato com muitas teorias que lhe interessam. Porém, ressalta que em muitos momentos se sentiu desanimado por ter professores

que possuíam piadas machistas e homofóbicas. Entretanto, ao se juntar com os amigos construídos no BI, este desânimo desaparece.

ELEAZAR – CIÊNCIAS SOCIAIS – 20 – BI DIURNO

Antes de pensar em fazer BI, Eleazar pensava em ingressar em um curso de Astronomia. Porém, após um tempo de reflexão, chegou à conclusão de que fazer Ciências Sociais faria ele se sentir mais realizado pessoalmente.

Por morar em Volta Redonda, preferiu vir para Juiz de Fora, pois estaria assim mais próximo à família, objetivando diminuir o impacto da distância mantendo contato com os familiares. Durante a escolha da grade a ser cursada, Eleazar no começo optou por disciplinas que achava ter afinidade, mas depois disse que teve que fazer disciplinas de que não gostava.

Sua relação com o BI foi muito boa. Desde o terceiro período é membro do Centro Acadêmico (CA) do BI. Nas eleições, no terceiro ou quarto período de seu curso, foi eleito vice-presidente do CA. Participou também da comissão eleitoral da reitoria, sendo eleito por ele como a melhor experiência com que teve contato na universidade.

Ele relata que não gosta de participar das aulas, no qual só existe “um palestrante” e os ouvintes (alunos), pois considera este método não sendo o melhor para o aprendizado. Ele justifica seu alto número de faltas por este fato.

Uma grande experiência enriquecedora para ele foi quando o Professor I levou os alunos a Diamantina a fim de conhecer os quilombolas. Esta experiência, de cunho prático, ficará para sempre em sua memória e foi muito mais enriquecedora do que qualquer aula expositiva. Pensou por diversos momentos em largar o curso, por não concordar com a metodologia das aulas. Foi demovido da ideia por acreditar que traria um grande impacto negativo em sua família. Depois de ter tirado esta ideia de sua cabeça, teve contato com alunos do segundo ciclo (Ciências Sociais) que afirmaram para ele que os sistemas de aula são distintos, o que fez com que animasse de novo com o curso.

YARIN – CIÊNCIAS SOCIAIS – 21 – BI DIURNO

Yarin relata que foi durante o Ensino Médio que pensou em fazer Ciências Sociais. Ela estava muito empolgada com o curso, fez disciplinas da área que gostava de estudar. Entretanto, durante o segundo período do BI decidiu fazer Ciência da Religião no segundo ciclo. Mas foi a escolha da disciplina Antropologias Contemporâneas que mais marcou sua trajetória acadêmica, pois estudar apenas os autores clássicos não fazia sentido para ela. Estudar os autores contemporâneos, segundo ela, possuem estudos que se encaixam em seus interesses, tais como: “na relação humano natureza” contribuindo para o avanço do conhecimento atual.

Estudar temas atuais foi que a deixou empolgada com a academia, apaixonando-se pela antropologia. Ela classificou sua vivência no curso do BI como “muito legal”, pois escolhia as disciplinas segundo sua vontade de estudá-las ou não. Ela foi convidada pela Professora K para integrar uma bolsa de iniciação científica, sendo o tema desta bolsa ligado ao que ela vinha pesquisando anteriormente: *Relação do homem com a natureza – cosmologia ocidental*. E esses estudos estão contribuindo para o que ela pensa estudar no futuro, seja no segundo ciclo, seja na pós-graduação.

Ela traçou muito bem sua trajetória no BI, demarcando estratégias e objetivos com as disciplinas que cursava. Ela conta que quase desistiu do curso, mas não por causa do curso em si, mas porque estava morando longe da família e sentia falta de seus familiares. Ela pôde se dedicar 100% ao curso de BI.

OSNI – FILOSOFIA – 21 – BI NOTURNO

Antes de fazer o BI, Osni foi aprovado no curso de Educação Física na UFJF e na UFRJ. Porém, ainda tinha muitas dúvidas, pois gostava muito de Filosofia. Resolveu cursar o BI durante o segundo período do ano.

As matérias escolhidas e os professores foram muito bons quanto à sua percepção e experiência. Uma disciplina que “foi divisor de águas” em seu curso foi Antropologia Filosófica. É monitor da disciplina de Humanidades e participa de um projeto de pesquisa sobre metafísica e epistemologia. Para ele, o primeiro período do curso foi marcante, pois lhe forneceu uma maior capacidade de conduzir o curso com sucesso.

3.2. COMENTÁRIOS DOS RELATOS SOB A PERSPECTIVA DO BI COMO CONTEXTO DE EXPERIMENTAÇÃO E COMO EXPERIÊNCIA COMPLEMENTAR OU DE APROFUNDAMENTO

Uma primeira observação é a de que o BI parece conectar-se às dúvidas existentes quanto ao curso a seguir como forma de consolidar a carreira. Ou seja, os alunos veem o BI como uma forma de postergar a escolha do que seguir profissionalmente. Neste contexto, eles destacam que um impasse a ser enfrentado por conta desta suposta benesse é que *no BI se cai de paraquedas*, fazendo com que os alunos cursem disciplinas muitas vezes sem o devido interesse.

Observamos a demanda de que a coordenação do BI dê maior suporte aos alunos que ingressam. Isto significaria maiores indicações de quais disciplinas cursar? Se sim, como fica a liberdade de escolha individual? De todo modo, uma maior comunicação entre coordenação e aluno a fim de esclarecer de forma mais clara sobre o objetivo geral do curso. Outro aspecto a ser considerado que certamente extrapola em muito o âmbito do BI, mas não deixa de merecer atenção, é aquele que afirma que as aulas “não são interessantes conforme são dadas atualmente”, isto é, existindo *um palestrante* e os ouvintes (alunos). Trata-se de questão pedagógica da maior importância que talvez assuma maior relevo em um contexto de formação em “humanidades” que busca valorizar a escolha de discentes, a autonomia na experiência da formação acadêmica. Talvez antes mesmo de se colocar a questão da escolha de disciplinas e da formação em continuidade pelo segundo ciclo, valha pensar como tem-se orientado a relação básica entre quem forma e quem é formado.

Os relatos indicaram que, para algumas pessoas, costuma haver certa demora para que o curso faça sentido, além de ser comum que dúvidas quanto à escolha da carreira permaneçam, pelo menos no início do curso. Estas dúvidas e diversos outros fatores fazem com que muitas vezes se tenha vontade de desistir do curso. Por sua vez, momentos decisivos nas escolhas, em diversos relatos, apontam que muitos professores por meio de suas disciplinas servem como *divisores de água*, seja no âmbito pessoal, seja na esfera acadêmica. Os alunos relataram, também, que a escolha pelo BI pode acontecer pela obrigatoriedade de se passar por ele antes do curso que já era pretendido, ou seja, o do segundo ciclo. Nestes casos, o BI pode ser experimentado como um aprofundamento da área de interesse, mas pode, também, fazer surgir novas dúvidas, ou aprofundar as já existentes quanto a que trajetória seguir.

Situações diversas estão implicadas no engajamento pessoal com o curso. Basta lembrarmos que o BI pode ser o caminho para um segundo ciclo desejado, uma experiência de formação aberta, uma segunda opção para alunos que querem se transferir para outros cursos nos quais não se pôde ingressar. Pensando no potencial de metamorfose de Velho (1994), esses alunos podem perceber, ao longo do curso, aspectos que não tinham notado quando ingressaram no mesmo, fazendo com que o processo de modificação seja iniciado, mudando-se os projetos de carreira.

Outros aspectos que trabalham de forma positiva para a continuidade de alunos no curso são as vivências extracurriculares a que dá acesso. Os alunos indicaram que participação em Empresas Juniores, projetos de pesquisa, projetos de extensão, bolsas de iniciação científica e bolsas de monitoria ajudaram a aplicar na prática, de forma científica, o que era aprendido na sala de aula, fazendo com que “se achassem” no curso. Isto foi muito valorizado na decisão de continuar no curso, na medida em que proporciona “praticidade à teoria”. E vale notar aí a experiência subjetiva do “encontrar-se”, que parece ser fundamental na conexão entre “juventude, projeto e carreira”.

Isto vale para o que o BI conecta para além dele mesmo, como vimos no caso de discentes com especial interesse em movimentos sociais e políticos. Eles indicaram que o BI, por meio de suas disciplinas e ambiente politizado, foi essencial para despertar este valor pessoal até então latente. O encontro com temas e debates contemporâneos, como os que se desenvolvem em torno da sexualidade e do gênero, questões relacionadas às minorias na sociedade, o desencadeamento de sentimentos de justiça social e o desejo de engajamento em causas sociais e políticas em defesa de posições ideológicas assumem um lugar crucial na experiência dos alunos. A trajetória no curso pode, assim, estar muito colada a sentimentos e experiências subjetivas que vêm a se modificar profundamente neste contexto, como a vivência da própria sexualidade.

Uma preocupação comum aos alunos é o mercado de trabalho esperado pós-formatura, pois consideram que não há demanda suficiente pelos serviços que serão ofertados. Isso pode ser correlacionado com observações de que o BI tem como principal objetivo o treinamento para o ser acadêmico, e não para o mercado de trabalho. Pode-se, entretanto, considerar que as atividades extracurriculares, como as já mencionadas Empresas Juniores, podem criar possibilidades de experiência de trabalho aos alunos. Esta dificuldade que se encontra no mercado de trabalho pode explicar o relato de pressões familiares sobre os alunos para que não se faça um curso de Ciências Humanas.

Em contraste com a perspectiva acima, o BI pode funcionar, como vimos, como catalisador no processo de metamorfose na vida profissional não satisfatória, anterior à entrada no curso, já que muitos alunos advêm de outras faculdades, inclusive de Ciências Exatas e Direito, que foram consideradas metódicas e monótonas, sendo o BI reconhecido como um curso mais reflexivo e criativo, dando a oportunidade de aprofundamento sobre as questões humanas e sociais. Neste contexto, de aprofundamento, foram relatados casos em que o maior interesse pelo BI é justamente a imersão em determinada área de conhecimento, ou ainda, estendendo a carreira “lateralmente”, isto é, no caso do investimento em diversas graduações em distintas áreas acadêmicas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram consideradas as experiências relatadas pelos alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas durante todo o curso. Importante ressaltar que não houve interesse em fazer avaliações do curso, mas sim de aproximação com as percepções dos alunos entrevistados sobre suas trajetórias pessoais, as escolhas que fizeram, as mudanças que viveram, quais as vivências mais valorizadas ao longo deste percurso acadêmico.

O trabalho teve como base as teorias da subjetividade, metamorfose e carreiras de Gilberto Velho, reconhecendo-se que as possibilidades de carreiras dependem das duas primeiras, ou seja: subjetividade, pois a singularidade de vivência de cada indivíduo tem influência direta nos projetos de carreira aplicados; e metamorfose, pois as mudanças nos projetos podem ser determinantes para as carreiras.

A partir da entrevista com quatorze alunos do último período do curso, discentes que passaram pelo maior tempo de experiência nesta graduação, observamos que, na relação com as carreiras, o BI pode postergar a escolha, de modo que os alunos possam pelo menos no início cursar este ciclo sem definir plenamente a formação acadêmica de graduação.

Notamos a dicotomia apresentada pelos alunos entre a necessidade do curso indicar quais as disciplinas a serem cursadas e a liberdade de escolha das mesmas pelos alunos. E, ainda, a crítica à forma convencional da “aula como palestra”, que, entre outros motivos, levou ao desejo temporário de largar o curso.

O convívio com os docentes e as vivências extracurriculares, tais como as imersões políticas, os projetos de pesquisa e de extensão, e participação nas empresas juniores, também se mostraram elementos fundamentais da relação com o curso, tais eventos podendo ser decisivos para a continuidade ou a desistência. Desta forma a interação entre os discentes e os docentes com suas particularidades políticas, religiosas, pessoais, econômicas e sociais fazem com que parte das carreiras sejam construídas via instrução formal nos moldes da instituição em questão, mas significadas na experiência subjetiva de cada uma destas pessoas em seus contextos de vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação – MEC**: O que é o REUNI?. Disponível em: < <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>. Acesso em: 03/10/2017. 2010.

BRASIL. **Universidade Federal de Juiz de Fora – ICH – Projeto Pedagógico para a criação do curso**.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnica de pesquisa**, v. 3, p. 15-36, 1996.

PICOLLO, F. D. Desigualdades sociais, práticas educativas e juventude numa favela carioca. In: VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. Org(s). **Juventude Contemporânea**: culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro. Ed. 7Letras, 2010. p. 110-128.

UFJF. **Secretária do Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFJF**. Solicitação de dados por e-mail. 2017.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Zahar, 2004.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Zahar, 1994.

VELHO, G.; DUARTE, L. F. D. **Juventude contemporânea**: culturas, gostos e carreiras. 7 Letras, 2010.